

Do pico à pista: Memória e identidade na trajetória da Trinda Times¹

Palavras-chave: skate; memória; identidade.

Amanda de Oliveira Gabinio (PPGAS/UFSC)

De pico à pista, a pico, à pista...

Além da denominação “Ilha da Magia”, Florianópolis (SC) é, por vezes, representada na mídia como uma espécie de “Califórnia brasileira”, por conta do estilo de vida praiano, do surf, mas também do skate, com destaque ao bairro Rio Tavares, sul da ilha – habitat de muitos skatistas profissionais, incluindo o medalhista olímpico Pedro Barros, cujo quintal abriga o famoso RTMF (Rio Tavares Mother Fucker) Bowl, uma entre as mais de 25 pistas particulares do bairro, segundo estimativa de 2016 (Fagundes, 2016).

Todavia, Florianópolis, “celeiro olímpico” e destaque mundial nas modalidades *bowl* e *park*, também tem uma história importante no que diz respeito ao *street skate*. Diferente da prática realizada nas grandes “piscinas”, em sua maioria particulares, o *street skate* é comumente efetivado, como o próprio nome indica, nas ruas – sendo, com frequência, por isso, fonte de conflitos diversos. Para entender os fundamentos e desdobramentos dessa prática, retomo a definição de “cidadinidade” conforme apresentada por Machado (2022a, p. 27) enquanto um “fazer-cidade (Agier, 2011) a partir de lógicas cidadinas que envolvem maneiras criativas e astuciosas (Certeau, 2009) de se relacionar com os espaços urbanos”. No caso do skate de rua, pode-se dizer que essa cidadinidade é observada na relação entre skatistas e picos.

Machado (2022a, p. 31) descreve a categoria nativa pico como mobiliários e equipamentos urbanos – desde bancos e corrimãos a hidrantes e bueiros – que “são avaliados pelos praticantes em função de suas texturas, inclinações e asperezas, as quais, a depender de certas condições materiais, permitem a realização de manobras, ou seja, de técnicas corporais realizadas com um skate”. Ademais, existe a compreensão de que pico se refere tanto a esses mobiliários e equipamentos urbanos “skatáveis”² quanto

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (2026).

² Ademais, a definição de pico enquanto algo “skatável” pode ainda ser alargada quando não nos limitamos ao meio urbano, a exemplo de Victor Sússekkind, um dos interlocutores dessa pesquisa, que se destaca por andar de skate em monumentos rochosos naturais (<https://youtu.be/8oxV9rfA0t0?si=nL0IP5hxdkmlwwXH>).

a determinados locais consolidados no circuito³ (Magnani, 2005) do skate pela presença de tais mobiliários – como, por exemplo, o Vale do Anhangabaú e a Praça Roosevelt em São Paulo ou o Largo da Alfândega em Florianópolis. Nesses espaços, skatistas são, com frequência, repreendidos por supostamente danificarem o patrimônio público, além de representarem um risco aos transeuntes.

Dessa forma, uma estratégia comum das administrações municipais tem sido a construção de pistas de skate, *skateparks*, *skate plazas*, com obstáculos que reproduzem elementos do ambiente urbano (Howell, 2008; Machado, 2022a). Nesse sentido, em campo, pude perceber também como a palavra “pico” é utilizada em oposição à “pista”, para se referir a espaços DIY (*do-it-yourself*), isto é, construídos pelos próprios skatistas – uma vez que as pistas são, por vezes, vistas por eles com desconfiança por representarem restrições tanto espaciais quanto comportamentais. Nesse processo, o entulho – ou seja, materiais descartados de construções – assume, através das artes de fazer (Certeau, 1996) destes skatistas, o papel de matéria-prima e, assim, o lugar é transformado em espaço, em um “lugar praticado” (*Ibid.*, p. 202).

O bairro Trindade, na região central de Florianópolis, é um dos mais populosos da ilha, sobretudo por sediar o maior campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Dentre seus pontos de destaque, tem-se atualmente a maior pista de *street skate* do estado. Embora seja, hoje, sede de importantes campeonatos nacionais e internacionais, sua história revela dimensões do skate que vão muito além da esportiva. As transformações pelas quais a pista passou ao longo de mais de 20 anos de existência ilustram mudanças na percepção e aceitação pública da prática do skate, mas também são resultado das ações de seus ocupantes e têm efeito em suas trajetórias individuais.

Previamente ao estabelecimento da pista, na década de 90, os skatistas do bairro utilizavam locais como estacionamentos de estabelecimentos, nos quais eram montados obstáculos móveis para a prática do skate. “Como todo bom skatista da época, a gente ocupava qualquer espaço que tinha um chão liso”, me disse Silvio Marchetto, ou Silvinho, skatista há mais de 30 anos. Silvio é natural de Florianópolis – “manézinho” – e, mais especificamente, da Trindade, onde morou a maior parte da vida. Essa cronologia parte dele, por ser lido em campo como um skatista da primeira geração⁴ a

³ Para Magnani (2005, p. 178-179), circuito é “designa um uso do espaço e dos equipamentos urbanos – possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos”.

⁴ Uma espécie de divisão em “gerações” é estabelecida neste trabalho por duas razões. Primeiramente, pelo reconhecimento desta divisão na forma como os próprios interlocutores organizam suas narrativas: “a nossa geração”, “as novas gerações”, etc. Em segundo lugar, por entender que os ocupantes de uma

frequentar a Pista de Skate da Trindade – aliás Silvio andava de skate em um período em que a pista ainda não existia e teve papel fundamental para a sua construção.



No período em que transcorreu o processo de impeachment do presidente Fernando Collor de Mello, com início em setembro de 1992, a UFSC foi ocupada por estudantes pró-impeachment, e uma das ruas internas do campus foi tomada por intervenções artísticas. A “Rua Pintada” passou a ser frequentada também por skatistas da região, que montaram ali um pico com obstáculos de madeira – e, mesmo ao fim da ocupação estudantil, continuaram a utilizá-la, especialmente durante os períodos de recesso, nos quais a universidade se encontrava esvaziada e a construção de obstáculos com entulhos de obras do próprio campus era facilitada. Todavia, com o retorno das aulas, esses obstáculos eram sempre retirados e, por vezes, destruídos, o que fez com que estes jovens passassem a clamar com mais fervor pela construção de uma pista pública na região. Com a intenção de conseguir um maior diálogo com a prefeitura, em junho de 2001, é fundada a Associação de Skate da Ilha de Santa Catarina (ASISC).

E ali começamos a organizar o skate de forma competitiva, que é o que a gente conseguia fazer na época. Um amigo nosso, que também era participante da ASISC, o Leonardo, criou uma marca de skate que visava construir obstáculos de skate profissionalmente. E aí, juntos, unimos forças e começamos a fazer campeonatos. [...] O Léo fazia as pistas, a gente fazia as pistas, organizava o campeonato, chamava as marcas, fazia um mutirão, alugava um espaço, botava lá e campeonava. Aí surgiu o Circuito ASISC. (Silvio Marchetto)

Esse fato demonstra como, por vezes, a dimensão esportiva do skate é invocada, em detrimento de suas outras potencialidades, com o objetivo de conquistar respeito e atrair a atenção dos governantes para reivindicações de skatistas. Assim, “certos aspectos incômodos de sua realização eram obliterados ao passo que outros tidos como mais aceitáveis eram enfatizados estrategicamente a fim de que ele fosse mais assimilável por políticas públicas e demais formas de investimento” (Machado, 2022a, p. 183). Além disso, é válido pontuar que, ainda que se trate da realização de campeonatos, a sociabilidade vista nesses eventos foge do padrão competitivo encontrado na maioria dos esportes. Esses campeonatos são vistos, acima de tudo, como

pista de skate tendem a mudar com o passar do tempo, visto que na trajetória pessoal da maioria destes indivíduos existe uma maior assiduidade na prática do skate na adolescência e juventude, que pode ser posteriormente afetado pelos compromissos da vida adulta (trabalho, casamento, filhos, etc.) no caso daqueles que não se profissionalizam no skate.

oportunidades para socializar com outros skatistas e, dessa forma, a parte competitiva é, comumente, deixada em segundo plano (Machado, 2012). Embora esportivização e cidadinidade sejam, frequentemente, apresentadas em oposição, é necessária uma análise situacional, uma vez que “posicionamentos favoráveis à esportivização e ao lado cidadão da prática do skate ora se articulavam, ora se distanciavam, a depender dos interesses e dos agenciamentos em jogo.” (Machado, 2022a, p. 201).

As frequentes remoções de seus picos e a inauguração de pistas nos bairros Jardim Atlântico e Estreito – mesmo localizados no continente e não na ilha, como é o caso da Trindade – diminuíram a ocupação que era feita pelos skatistas no campus, que passou a ser mais frequentado apenas aos fins de semana. Em uma dessas sessões, um acontecimento definiria os rumos do skate em Florianópolis. Silvio se recorda:

[...] veio uma senhora andando na nossa direção e falou “Ei, vocês estão andando de skate? Acho que um amigo de vocês acabou de ser atropelado ali no ponto de ônibus.” Aí pegamos o skate e saímos correndo pra lá. Até me arrepio de lembrar. Quando a gente chegou lá, a gente se deparou com a cena do Dudu... Ele tinha 13 anos de idade, estava embaixo do ônibus lá, já falecido. E o ônibus parado, o motorista em desespero, todo mundo desceu. Estava uma comoção. Até então eu sabia quem ele era, a gente tinha andado de skate junto, eu já tinha uns 22 anos, ele tinha 13. [...] Isso aí deu uma comoção gigantesca.

Além do impacto pessoal que esse acidente teve naqueles que o presenciaram e que conheciam o jovem Eduardo, a comoção decorrente dessa tragédia revelou a urgência da construção de um local “adequado” para a prática do skate.⁵ Com a morte de um jovem, o risco decorrente da prática do skate nas ruas se traduzia em uma ameaça de responsabilização para as administrações municipais (Howell, 2008). A Pista de Skate da Trindade, que homenageia Eduardo de Oliveira Coelho Pinto, foi então construída durante o segundo mandato da prefeita Ângela Amin (PSDB, 1997-2000; PFL, 2001-2004). Mesmo inacabada, descrita como “ilha de concreto envolta de lama”, teve sua inauguração dia 30 de dezembro de 2004, de modo a acontecer ainda na gestão de Amin. A execução da obra também foi criticada pelos skatistas sob outros aspectos:

A pista não teve respaldo técnico nenhum, eles não buscaram pedir pra nós uma assessoria técnica pra que a pista fosse bem construída, pra que a pista fosse bem executada para os skatistas... Eles simplesmente pegaram um projeto lá do Jardim Atlântico, diminuíram, assim, que já era cheio de

⁵ O discurso sobre a necessidade de locais adequados para a prática do skate é bastante complexo e quando agenciado por governantes, geralmente, tem como interesse minuar determinados sentidos da prática. Nesses contextos, as pistas assumem a função de “dispositivos normativos e gestores de certos usos cidadãos que são feitos da cidade” (Machado, 2011 *apud* Machado, 2022, p. 31).

defeitos, enfiaram mais uns 10 defeitos, e construíram de qualquer jeito ali só pra mostrar que na política deles eles resolveram fazer – porque a pista foi inaugurada no dia 30 de dezembro de 2004, que era o fim do mandato da Ângela e ela queria dizer que a pista era dela. (Silvio Marchetto)

Só que a galera não queria uma cópia, né? Porque pra quem não entende de skate, a pista é igual uma quadra poliesportiva, é tudo igual, é só replicar... Mas na verdade quanto mais pistas diferentes, melhor. O skate é muito dinâmico, tem muitas variações de manobras, de coisas pra fazer, então quanto mais pistas diferentes tiver, mais evolução tem, mais diversão tem, mais variedade de praticar o skate, pra aproveitar tudo que o esporte proporciona. (Victor Sússekind)

Victor Sússekind, o Vitinho, parte de uma segunda geração de skatistas que frequentaram a Pista de Skate da Trindade, relaciona a história da pista à sua própria trajetória no skate. Para ele, a inauguração marcou um momento de maior assiduidade na prática, principalmente pela localização central, que facilitou seu acesso mesmo não sendo morador da Trindade – fato que aparece em diversos outros relatos de skatistas frequentadores da pista. Dessa forma, apesar de seus inúmeros defeitos, a pista foi celebrada como uma conquista tanto pelos skatistas do bairro quanto de outras regiões. Todavia, é importante registrar que, apesar de andarem na pista, esta não substituiu as ruas e os skatistas em questão continuaram andando em picos pela cidade. Nas falas dos interlocutores, é possível perceber a valorização daquele espaço como um importante ponto de encontro e local de sociabilidade, que teve início naquele período e se fortaleceu com o passar do tempo, reverberando ainda nos dias atuais:

Era o que a gente tinha, a gente aproveitava e o mais legal era a turma que se criou ali. A galera local que frequentava criava na pista um local muito agradável de ir, então tudo isso foi sendo muito massa. (Victor Sússekind)

Existe uma coisa da Trinda que eu não preciso marcar com ninguém às vezes, sabe? Eu vou até lá, sei que vai ter uns amigos. Se não tem uns amigos, tem uns colegas. Se não tem uns colegas, tem uns conhecidos. Mas sempre que tem alguém, sabe? Mais do que as outras [pistas] – o que é, tipo, mais uma parada de *localismo*, sabe? Por isso que vira essa parada da “família Trinda Times”. Todo mundo se conhece há muitos anos. (Kalany, grifos meus)

A questão sobre o *localismo* surgiu em diferentes relatos, muitos empregando essa própria palavra para se referir às dinâmicas que se criavam naquele espaço. Além disso, “local” enquanto adjetivo era utilizado com frequência. Inicialmente, num contexto pré-pista, “a galera local” se referia aos skatistas moradores da Trindade. Depois da consolidação da pista, “a galera local” passou a se referir aos seus frequentadores mais assíduos, moradores do bairro ou não – o que faz com que Vitinho,

por exemplo, seja lido como um “skatista local” mesmo sendo morador da Barra da Lagoa. Assim, em campo pude perceber como “local” havia se tornado um título a ser conquistado – para além das habilidades técnicas no skate, era necessário, sobretudo, demonstrar respeito e humildade para ser aceito por aqueles que já estavam ali.

Além disso, é fácil entender o papel formativo da Pista de Skate da Trindade – ou, mais além, da Trinda Times – nas trajetórias desses skatistas e para a constituição de uma sociabilidade alargada (Agier, 1999), quando levamos em conta que a maioria deles eram pré-adolescentes ou adolescentes na época em que começaram a frequentar aquele espaço e, dessa forma, muitos – se deslocando até uma pista de skate na região central – tinham suas primeiras experiências explorando, a cidade e seus trajetos⁶ (Magnani, 2005), para além de seus bairros e longe da vigilância dos pais.

Eu comecei a andar ali com uns 13, 14 anos, mais ou menos. E aí comecei a sentir que o meu bairro não entregava o que eu queria do skate mesmo e comecei a ir pra Trinda [...] Tipo, eu era meio moleque demais pra pegar ônibus e ir pra pista e tal, não era uma coisa que meus pais gostavam muito, mas eu comecei sem meus pais saberem. E foi uma época que eu matava bastante aula pra ir andar de skate também, eu ia pra Trindade lá com os moleques. E foi uma época muito boa, assim, foi meus primeiros contatos com a pista, e nessas eu comecei a conhecer todos os meus amigos de hoje em dia. Eu vou te falar, tipo, praticamente os meus melhores amigos são do skate da Trindade mesmo, são pessoas que eu levo até hoje. (Kalany Varella)

✱

Pela precariedade da obra, já em 2007 se mostraram necessárias algumas reformas na pista, e uma solicitação foi feita à prefeitura através da ASISC. O pedido foi atendido pela administração municipal – sob a gestão de Dário Berger (PSDB, 2005-2008; PR, 2009-2011) –, que cedeu mão de obra e material e se propôs a trabalhar sob a assessoria dos skatistas locais. Posteriormente, outras estruturas foram adicionadas ao complexo do qual a pista fazia parte, como uma quadra poliesportiva – cujo surgimento daria novos contornos à ocupação feita pelos skatistas daquele espaço.

Conforme relatos, o chão da pista já se encontrava bastante áspero quando a quadra poliesportiva foi construída, e o vislumbre daquele chão “lisinho” fez com que os skatistas frequentadores dali passassem a ocupar a quadrinha⁷ antes mesmo de sua

⁶ Trajeto, de acordo com Magnani (2005, p. 178), “aplica-se a fluxos recorrentes no espaço mais abrangente da cidade e no interior das manchas urbanas. É a extensão e, principalmente, a diversidade do espaço urbano para além do bairro que impõem a necessidade de deslocamentos por regiões distantes e não contíguas.”

⁷ Em determinados momentos, vou me referir à quadra poliesportiva em questão como “quadrinha”, que é a forma como os interlocutores a chamam. Essa mudança de denominação de “quadra” – pública e poliesportiva e, dessa forma, de todos e ao mesmo tempo de ninguém – para sua versão no diminutivo

inauguração, adentrando o local através de um buraco feito na grade. O uso da quadrinha pelos skatistas se manteve mesmo após sua abertura oficial, com a utilização de obstáculos móveis, transportáveis, cuja retirada permitia a divisão do espaço com outros ocupantes – sobretudo “a galera do futebol”, com quem os skatistas nem sempre mantinham uma relação amistosa. Relatos de episódios em que este grupo chegava “chutando” e “empurrando” obstáculos demonstravam como havia uma impressão de que alguns destes rapazes não tinham respeito com os skatistas.

Todavia, por vezes, essa “disputa de território” tomava contornos mais recreativos, como partidas de futebol realizadas entre os skatistas e a galera do futebol pelo direito de uso da quadra por determinado tempo. Na rememoração desse período, todos os skatistas com quem eu conversei mencionaram essas partidas – mesmo quando eles próprios não estavam diretamente envolvidos ou até mesmo presentes nesses episódios. Além disso, apesar de alguns detalhes diferentes, todos os relatos tinham em comum a invencibilidade dos skatistas: “A gente ganhava todos, pô. O último que a gente fez a gente disputou com eles duas semanas de quadrinha.” (Igor Cruz).

Pollak (1992, p. 201) afirma que é “perfeitamente possível que, por meio da socialização política ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada”. Dessa forma, a transmissão dessa narrativa entre as gerações e como todos faziam questão de evocá-la – independentemente de sua experiência em primeira mão, como um acontecimento “vivido por tabela” – evidencia tanto a importância daquele episódio para compreender o contexto de ocupação da quadra quanto o fato de que ela se torna um dos marcos relativamente invariantes da memória coletiva do grupo (*Ibid.*).

Nesse sentido, entende-se que a memória não seria um simples resgate do passado, mas um trabalho executado no presente. Em suas discussões sobre memória coletiva, Rocha e Eckert (2011) retomam o conceito de identidade narrativa de Paul Ricoeur, que explica como o ato de lembrar e narrar é o que permite ao sujeito construir um sentido de si mesmo ao longo do tempo. Assim, skatistas vencendo a galera do futebol no seu próprio esporte e, assim, garantindo o domínio de – ou *dominando*, como costumam dizer – um local que não foi construído para eles representaria uma verdadeira façanha, um triunfo de suas táticas (Certeau, 1996) sobre as estratégias

quando ela passa a ser ocupada pelos skatistas indica essa maior familiaridade com o espaço, além de refletir o carinho envolvido nas memórias trazidas por eles do período de sua ocupação.

(*Ibid.*) de agentes demarcadores de locais “apropriados” para a prática do skate. Com a vitória dessas partidas, os skatistas começaram a utilizar mais a quadra, mas sem abandonar a pista.

Nessa mesma época, em 2009, Guilherme Varella – skatista local – criou um canal no YouTube com o nome “Trinda Times”⁸, expressão que podemos traduzir como “momentos na Trinda”, para compartilhar as filmagens que fazia das sessões de skate realizadas no local, os habituais “vídeos de skate”⁹. Pode-se dizer que a produção destes vídeos fortaleceu os laços que ali surgiam, e seu compartilhamento contribuiu para a formação de uma identidade dos skatistas “locais”. Posteriormente, um grafite com o nome “Trinda Times” e o desenho de um relógio foi realizado na rampa principal, construindo uma identidade visual da pista que perdura até hoje.

Então a Pista de Skate da Trindade começou a ser chamada de Trinda Times, mas pouca gente sabe que o nome da pista não é Trinda Times. Trinda Times é o nome da crew, é o nome da nossa crew, que a gente andava ali. E não era uma crew assim estabelecida, “ah é só esse, esse e aquele”... Trinda Times era todo mundo que chegava ali e respeitava o próximo. Se era gente boa, fazia parte [...] sempre foi uma coisa bem livre e aberta. (Victor Süsskind)

Com o tempo, a predominância dos skatistas na quadrinha também foi favorecida por outros acontecimentos, tal qual a deterioração de equipamentos – como a cesta de basquete e as traves do gol – e furtos por catadores de ferro, o que inviabilizava os usos pretendidos da quadra. Essa série de furtos também afetou negativamente os skatistas, que perderam alguns de seus obstáculos. Todavia, diferentemente dos praticantes de futebol ou de basquete, skatistas estão acostumados a lidar com esse tipo de adversidade, vindos de uma longa tradição de “colocar a mão na massa” para construir seus próprios picos, ou reformar os existentes. Assim, o domínio da quadrinha por eles nesse período se deu de forma iterativa, com a transformação dos usos daquele espaço – a exemplo das traves de gol quebradas, que se tornaram obstáculos para o skate – mas também, progressivamente, com a sua ocupação como um espaço sociabilidade do grupo, o que, não raramente, envolvia o consumo de bebidas alcoólicas

⁸ A grafia encontrada no canal do Youtube é “trindatimes”. O primeiro vídeo publicado no canal é uma filmagem de meados de 2007 e apresenta Guilherme Varella realizando manobras na pista (youtu.be/1hAduUIKOj0?si=wFDqsozd2OcoeW-h).

⁹ Stabelini (2024, p. 93) define os vídeos de skate como “filmes (longas) que reúnem “partes” nas quais diferentes skatistas realizam manobras e linhas, editadas e montadas com uma trilha musical/sonora escolhida por cada um, ou escolhida para dar unidade à montagem [...] Essas partes são encadeadas na montagem do filme e podem ser entremeadas com esquetes cômicas, cenas de filmes, desenhos animados ou vídeos, fotos, animações, cenas de quedas e tentativas fracassadas de manobras, bastidores das filmagens, interações (positivas ou não) com pessoas nos locais das filmagens, etc. Assim, em um “vídeo de skate”, cada skatista tem sua *video part* e, juntas, elas compõem um arranjo audiovisual maior.”

e maconha. Ademais, pode-se dizer que a baixa iluminação do local no período noturno afastava determinados cidadãos ao mesmo tempo em que atraía outros.

Como a Trinda não era pista, era mais um pico de rua... Tipo, nesse sentido que também não colava bike, patins, patinete, não vinha criança também – porque os pais achavam que, pô, ali era escuro, todo mundo fumando maconha, tomando cerveja... Não era muito bem visto, sabe? E vinha bastante morador de rua. [...] tinha uns outros, assim, que eram mais gurizão. Lembro de uns dois manos também, que eles eram de rua. Mas eram bem sangue bom, respeitavam e tinham um skatinho bem meia boca, mas colavam com a gente, sabe? [...] ele tava na situação dele e tal, roubava pra comer, não tinha condição de comprar, mas não era uma pessoa de má índole, sabe? Colava com nós, fumava nossos beque junto, a gente trocava ideia... Na hora de vazar ele ficava lá, era bem doido... (Kalany Varela, grifos meus)

Todavia, foi apenas ao fim de 2014, 10 anos depois da inauguração da pista – naquela ocasião, sobretudo pela aspereza do chão e os obstáculos necessitando de reformas, bem menos frequentada que a quadra – que a ocupação da quadrinha pelos skatistas foi consolidada através da construção do primeiro obstáculo de concreto, a *centopeia*. Aquela estrutura fixa impossibilitava os outros usos da quadra e demarcava o território como sendo de controle dos skatistas: “depois disso aí já era, o skate tinha dominado”, afirmou Victor.

Esse episódio não está deslocado da realidade do skate de rua no Brasil, na qual, conforme apontado por Prestes (2025), a ocupação de quadras esportivas é uma prática recorrente, parte de uma “dinâmica particular do skate brasileiro”. As condições comumente ruins do asfalto e das calçadas nas cidades brasileiras – junto ao frequente uso de pedra portuguesa – dificultam o deslizamento do skate. Esse contexto, quando aliado à escassez de pistas públicas, faz com que skatistas recorram ao uso de quadras esportivas, comuns em praças e locais públicos.

✱

Depois do sucesso da construção do primeiro obstáculo na quadrinha, eles perceberam que poderiam voltar seus esforços para a melhoria da própria pista. Sob a instiga de Victor, em 2015, trabalharam na reforma e construção de novos obstáculos na pista, visto que os existentes se encontravam danificados e “enjoados” depois de uma década de uso. Na época, uma obra pública acontecia do outro lado da rua, facilitando o acesso dos skatistas à matéria-prima de sua empreitada: entulho.

Então essa área da pista onde hoje é nova, ela era um canteiro de obra, então tinha de tudo, tinha terra, tinha areia, tinha pedra, tinha tijolo, tinha ferro... Tinha tudo o que a gente precisava! Só não tinha cimento. Aí o que a gente fazia? A gente pegava o carrinho de compras lá do Big ou no Angeloni, trazia pra pista, ficava com dois carrinhos vindo pra cá, enchia o carrinho de entulho, material e levava pra pista. E a gente recrutava todo mundo que tava na pista pra ajudar. [...] Aí vinha uma safra de 10 pessoas pegar entulho, levar pra pista. E aí a gente fazia vaquinha pra comprar cimento ali na Casa do Cano... A gente ficava na pista pedindo dinheiro pra galera pra construir e a galera via a gente com a mão na massa e dava ali o que cada um podia, e aí a gente comprava cimento. (Victor Sússekind)

Assim surgiram na pista os obstáculos apelidados por eles de *melancia*, *pizza* e *nave-mãe*, além de alguns obstáculos de transição. O intenso envolvimento de Victor nas obras da pista e da quadrinha justifica o alto nível de detalhamento em seus relatos – ele fala sobre o mês em que cada obstáculo foi feito, quem participou de cada construção, além de descrever minuciosamente a posição de cada pico. Seus relatos poderiam se estender por páginas – e, de fato, se estenderam nas transcrições das entrevistas – embora aqui tento ser breve.

“Acho que foi, pra mim, o melhor momento da Trinda”, me disse Victor. Embora expressões como essa “remetem mais a noções de memória, ou seja, a percepções da realidade, do que à factualidade positivista subjacente a tais percepções” (Pollak, 1992, 201), o fato é que essa nova fase da Trinda representou uma expansão das fronteiras da pista. Tanto no sentido literal porque – com novos obstáculos na pista e na quadrinha, obstáculos de transição e a abertura de uma maior passagem no portão da quadra – era possível usufruir daquele espaço em sua completude, sem precisar sequer descer do skate; mas também através da intensificação da produção de vídeos de skate naquele pico, o que difundiu a imagem da Trinda Times, que passou a ser visitada por skatistas de outras regiões. Além do alargamento da sociabilidade (Agier, 1999) vivenciada nesse período, esse contexto levou à produção de ainda mais vídeos – dessa vez feitos pelas *crews* visitantes, marcas de skate, mídia especializada, micro ou de nicho (Thornton, 1995), etc. e assim, tendo alcances cada vez maiores.

[...] virou um grande nome assim do Brasil, de pessoas que viajaram de vários lugares pra cá. Antes de ter esses campeonatos Street League e STU que tem hoje em dia, não tinha nada aqui, então o pessoal vinha pra conhecer mesmo. Eles já sabiam que a Trinda era um lugar muito irado, por isso queriam ver como funcionava e tals... Até tem uma pista lá em Maringá que eles fizeram um obstáculo que é um corrimão, um banco de corrimão exatamente como o nosso ponto de ônibus aqui de Florianópolis, que é aqueles três ferros amarelos, um nas costas e dois pra gente sentar, sabe? A gente tinha roubado um banco desses de ponto de ônibus e levou pra pista e virou um obstáculo. Daí veio uns caras de Maringá e falaram “caramba, olha

só que da hora esse obstáculo aqui, vamos fazer um lá também!”. Ai eles fizeram também o que era o nosso banco de ônibus de Florianópolis. Acho essa história muito massa. E aí, sei lá, era uma pista que não era pista, sabe? Tô falando muito pista hoje em dia, mas *antes era um pico*, era uma quadra, tipo, só ia a galera do skate, do skate bem raiz. (Kalany Varela, grifos meus)

O pico passou a sediar eventos independentes que, não raramente, lotavam. Além disso, alguns skatistas locais se profissionalizaram nessa época, contribuindo para uma maior divulgação da Trinda. Era o início de uma nova fase, marcada por um novo tipo de ocupação de todo aquele espaço, o que fortaleceria os laços que ali se formaram, consolidando também o nome Trinda Times no circuito (Magnani, 2005) do skate nacional. Porém, com o tempo, o “amadorismo” das construções realizadas e a necessidade de manutenções periódicas se tornou um problema.

Só que são obstáculos feitos de uma forma não tão profissional, assim, né? Na época, a gente não tinha tanta noção. Então, a cada tantos meses precisava de uma manutenção ali, né? Então essa manutenção requer tempo, requer dinheiro. Então a gente fazia ali uma manutenção ou outra, mas sempre quebrava de novo. Então chegou uma hora que ficou tudo quebrado. E daí o chão da quadrinha estava ruim. A pista estava pior ainda. Estava numa fase, assim, 2022 ali, 2021 eu já nem andava mais na pista, porque já não tinha vontade de andar ali mais. [...] Nossa, tava horroroso! Dava pena de ter que ir ali, andar naquele caixotinho, naquele negócio. Tudo precisava de reforma. Todos aqueles obstáculos que a gente fez no passado precisavam de reforma. Inclusive a própria quadra. (Victor Sússekind)

Desde meados de 2015, era discutida a possibilidade de uma reestruturação da pista. Inúmeros projetos começaram a tramitar entre os locais, sendo todos rejeitados pela administração municipal. Valmir Nogueira, o Varma, skatista da Trinda, havia iniciado o curso de Construção Civil na época e se recorda de ter sido recrutado para fazer os modelos 3D para uma nova tentativa de projeto que teve início em 2017. Uma nova reunião com a prefeitura foi arranjada e, dessa vez, surpreendentemente, a proposta foi aceita. Para dar andamento às burocracias necessárias nesse processo, Valmir e Gustavo Malagoli fundam a empresa Ruaria Skateparks. Não demorou para que tivesse início um grande “vai e volta”: alterações, readaptações, “ideias doidas” da prefeitura como uma rampa no formato da ponte Hercílio Luz... E, é claro, um diálogo constante com os skatistas locais:

[...] no primeiro desenho, a gente chamou o Victor, chamou o Silvinho, chamou o Léo, chamou os caras mais das antigas. A gente sentou todo mundo. “Ah, o que vocês querem? O que tu não quer?” “Ah, a gente não quer bowl, a gente quer só street.” Tanto que, tipo, tinham desenhado um bowl,

umas rampas... Não, não, vamos fazer só street, street, street, porque já tem muito bowl aqui em Floripa! (Valmir Nogueira)

A despeito da tentativa de envolver, sempre que possível, o máximo de pessoas na elaboração do projeto, é evidente que, dos interlocutores entrevistados até o momento, Valmir é quem teve o maior grau de participação. Os demais têm memórias menos claras sobre esse período, e, portanto, devido ao menor nível de detalhamento apresentado, aqui o ritmo da narrativa pode parecer mais acelerado. Por esse motivo, saliento que, na verdade, esse projeto levou cerca de 5 anos para sair do papel – sobretudo por ter sido atravessado pela pandemia de Covid-19 –, e gerou rumores que partiam desde uma descrença em sua efetivação até “teorias da conspiração”, que falavam sobre a possibilidade de que aquele lugar se tornasse apenas um estacionamento e que a pista fosse realocada para alguma região distante. “E a galera falava tanto que eu mesmo achava que não ia sair, entendeu?”, me disse Valmir, demonstrado que, mesmo para ele, um dos responsáveis diretos pelo projeto, havia certa nebulosidade nesse processo.

O projeto também sofreu uma alteração importante: a nova pista seria construída no terreno localizado no canteiro do outro lado da rua, com uma área de 2.068,40 metros quadrados (Prefeitura de Florianópolis, 2023). Apesar da possibilidade da construção de uma pista muito maior, havia uma preocupação com o que poderia significar a “vacância” do espaço anteriormente ocupado. “Eles não iam dar só uma pista nova e manter a velha ali, sabe? Eles queriam também se apropriar daquele espaço” (Kalany Varela). No mesmo período, foi anunciado que aquele local receberia uma revitalização, o que significava a demolição do pico por eles ali construído. Houve tentativas de “salvar” ao menos a quadrinha, por entendê-la como parte importante da história do skate em Florianópolis, como um “patrimônio”. Todavia, como a revitalização em questão era parte de um outro projeto e executada por uma outra empreiteira, qualquer possibilidade de negociação estava minada.

Nesse momento da narrativa, empregada pelos próprios interlocutores, surge a categoria de “patrimônio”, que, ao longo da pesquisa, foi me parecendo cada vez mais essencial para pensar a materialidade da cultura no contexto do skate – tendo talvez como exemplo mais notável o movimento “Salve o Vale”, que visava proteger o Vale do Anhangabaú, em São Paulo, contra reformas que ameaçavam a sua condição de pico e, posteriormente, o “culto” que se criou ao redor das pedras de mármore remanescentes

de tais reformas, que hoje se encontram em coleções pessoais de skatistas ou agregadas a outros picos pelo país (Machado, 2022b; Prestes, 2025).

Apesar do entendimento de que picos, por sua definição, aparecem e desaparecem com o tempo e que a forma como os skatistas ocupam esses espaços envolve processos de destruição, a demolição de um espaço como a Trinda Times por agentes do poder público significava um “caso limite” (Prestes, 2025). Sobre como a ideia de “perda” atravessa os discursos do patrimônio, Gonçalves (2015, p. 223) afirma:

[...] o uso dessa categoria se faz presente também num certo modo de conceber as relações entre memória, identidades e objetos materiais. Nesta concepção, a permanência desses objetos levaria necessariamente à permanência da memória e da identidade, enquanto sua destruição levaria ao esquecimento. Pressupõe-se uma necessária associação entre memória e seus suportes materiais, os quais deveriam ser preservados para que aquela se conservasse. Alguns autores têm recentemente problematizado essa relação, mostrando que não necessariamente a preservação, mas muitas vezes a destruição de objetos e espaços materiais pode ser o elemento gerador de identidades e memórias.

Mesmo com esforços no sentido contrário, a demolição daquele pico aconteceu. Durante as entrevistas, no momento em que esse episódio era relatado, era possível perceber o abalo na voz dos interlocutores e, mais de uma vez, eu senti que estive muito próxima de testemunhar lágrimas.

E teve a demolição, que foi bem triste, acabou com tudo. Começaram os boatos e a gente pensando “pô, certeza que essa obra vai demorar, então certeza que os caras vão demorar pra demolir aqui também...” Só que, tipo, a primeira etapa deles foi destruir *a nossa pista*, daí foi bem triste. [...] Tipo, por mais que hoje em dia a gente tenha a pista que a gente tem, a gente não queria ter abandonado aquela, porque *a gente que fez, teve muito coração*. Tipo, muitas pessoas passaram por ali, pessoas que já faleceram, sabe? Muita história já, daí é complicado. (Kalany Varela, grifos meus)

Quando começaram a demolir a quadrinha, assim, foi... Olha, eu tava no dia certinho quando os trator chegou e tal, começou a demolir, eu falei “bah, que loucura...” Deu uma sensação de vontade de chorar, porque, pô, *foi embora uma história do skate de Floripa ali, que se apagou assim...* Mas começou outra nova que tá boa, tá bem melhor, mas... Tipo, pelo menos a quadrinha acho que os caras era pra ter deixado, sabe? (Valmir Nogueira, grifos meus)

Da demolição à inauguração da nova pista foram mais de 9 meses – e a falta de uma pista na região central voltou inquietar os skatistas. “Então, isso foi ruim, porque a pista abastecia a sessão de várias pessoas. Ficou a pista destruída, uma galera ficou sem andar direito...” (Victor Sússekind). Foi, inclusive, durante esse período – mais especificamente em abril de 2023 – que aconteceu a proibição da prática do skate no

Largo da Alfândega, no centro da cidade, pico conhecido entre os skatistas da cidade. Sem nenhum diálogo prévio, skatistas se depararam com placas indicando a proibição. De pronto, representantes da prefeitura alegaram que o impedimento tinha como objetivo a proteção do patrimônio público, já que o local havia passado por reformas recentes e instalação de novo mobiliário urbano. Naquele momento, os bancos dali, feitos de madeira, já se encontravam riscados pelas manobras. Além disso, falou-se sobre a existência de outros espaços mais apropriados para a prática do skate – o que, como se sabe, não suprime o uso das ruas e, nesse caso, também era um argumento falho, pois a Trinda Times, pista mais central, estava inutilizável.

Esse episódio gerou uma grande agitação no local e a programação de “skataços” em protesto, fazendo com que o prefeito se colocasse rapidamente disponível para uma reunião: “A gente não imaginou que uma reunião dessas poderia ser possível, sabe? Um prefeito se reunindo com um bando de skatistas vagabundo e maconheiro pra liberar uma praça pública pra eles poderem andar.” (Kalany Varela). Entre os skatistas presentes nessa reunião, além dos frequentadores do Largo – a maioria sendo também da geração mais recente de skatistas da Trinda –, havia Pedro Barros, quem costuma conseguir um maior diálogo com a prefeitura, devido à sua posição de skatista campeão mundial e medalhista olímpico, mas também empreendedor do ramo e, assim, considerado uma “liderança do skate” nas palavras do prefeito. A prática então voltou a ser permitida, mas com algumas limitações de horários e a troca do material dos bancos.



No dia 6 de maio de 2023 foi inaugurada a “Trinda Times” – não mais “Pista de Skate da Trindade”, agora oficialmente “Trinda Times” – com área total de 2.068,40 metros quadrados, a maior pista de *street skate* do estado. “Florianópolis é uma cidade que tem grandes nomes do esporte e a Prefeitura quer contribuir com o seu treinamento e evolução”, disse o prefeito Topázio Neto (Prefeitura de Florianópolis, 2023).

O Skate Park da Trindade também traz vida aos 4,6 mil metros quadrados da praça que, embora em zona nobre da cidade, correspondiam a uma área verde sem qualquer estrutura de lazer. Ou seja, o local, que até julho, quando começaram as obras, era ermo, promete ser um movimentado “pico” dos adeptos da modalidade desportiva estreante nas Olimpíadas de Tóquio, em 2021. (*Ibid.*)

Aquele canteiro poderia ser de fato “ermo”, mas essa afirmação desconsidera que logo ao lado, atravessando a rua, já existia um pico – frequentado então há quase 20 anos, ponto de encontro e sociabilidade dos skatistas locais, que construíam aquele espaço materialmente e figurativamente. Poderia não ser das mesmas dimensões ou habilitado a sediar competições profissionais, mas era – e talvez justamente por isso – um pico. Kalany Varela, que já foi citado ao longo deste texto, faz parte da última geração de skatistas a vivenciar a antiga Trinda Times e, assim como demais skatistas dessa geração, apresenta uma visão crítica dessas mudanças:

Hoje em dia a gente meio que tem vergonha, sabe? Queria muito mais poder ter aquela pista de antes. Daí vira aquela vibe de skate competitivo, tem muita gente de fora pra cá pra treinar [...] E aí nessas fica essa mancha ali, que pista é um local de competitividade e tal. Que nem agora, que os caras fizeram o campeonato, duas, três semanas atrás. Pô, as cantoneiras eram vermelhinhas e a parede era roxa. Aí pintaram a cantoneira de azul e a parede de amarelo. Aí falaram que parece o Banco do Brasil, parece os Correios, parece o Posto Ipiranga. Ficou muito feio! E tá até agora assim. E era uma coisa que não existia antes, sabe? Existe uma frase que é “make skate crime again”, sabe? E aí é uma coisa que a gente fica nisso, assim. Pô, o skate de hoje em dia tá muito paia, sabe? Antigamente era muito mais true, era rua, era da hora. Hoje em dia é TikTok, sei lá, é difícil explicar, sabe? Antes era mais irado. Hoje em dia virou Nutella. E aí a Trinda virou Nutella. Infelizmente chegou a esse ponto. [...] Mas é isso, tipo, o ponto positivo disso tudo é que hoje a gente tem uma pista mais de alta performance. Querendo ou não, a gente andava na quadrinha, era só, tipo, flat ground, né? Era a quadrinha, tudo era no chão. Hoje a gente tem corrimão descendo, rampa, caixote, escada pra pular. A gente não tinha escada pra pular antes. Isso faz a gente aprender a andar bem também. Esse é o lado positivo. Só que a que ponto, sabe? Polícia chegando ali toda hora perguntando... Na real, se bem que na pista antiga tinha bastante polícia também... (Kalany Varela, grifos meus)

“Ajudou no esporte, mas enfraqueceu a cultura”, foi a conclusão a qual ele chegou, e eu fiz questão de anotá-la. Por outro lado, Silvio Marchetto, assim como outros skatistas das gerações anteriores – sobretudo aqueles que estiveram na luta pela construção da antiga pista – tendem a demonstrar muito orgulho da nova Trinda Times.

Hoje a pista é um expoente do skate nacional. Muita gente vem para Floripa para curtir férias já andando de skate, pra gravar na pista, pra fazer network, pra se conhecer. Floripa é o centro das atenções. [...] Tem o STU, tem campeonatos nacionais, tem campeonatos internacionais, tem demonstrações de skatista da Red Bull. Ela é uma pista que já é roteiro obrigatório do campeonato, do circuito profissional de skate brasileiro. Ela é uma pista que é ícone no Brasil. Muito legal essa pista. Graças aos nossos queridos colegas, o Guguinha, da Ruaria, o Varma, projetista. E também dessa raiz que a gente vem trazendo desde os anos 90, dessa luta e dessa organização em cima do skate. (Silvio Marchetto)

Todavia, mesmo em Silvio, ainda é possível perceber uma certa nostalgia pelo que a Trinda antiga podia proporcionar – que é também, de certa forma, uma lembrança de uma fase importante de sua vida:

Digamos que a pista é um livro aberto, infinito. Todos nós tínhamos uma leitura, uma interpretação dela diferente, então ninguém se repetia lá. Eu ia andar lá, eu já sabia as coisas que eu adorava fazer. *E quando tu perde, tu perde pra sempre. A pista nova, sim, abre novas possibilidades, mas nunca mais vai ser igual.* Dar um rolê na melancia, dar uma passada na nave-mãe, passar as ondinhas, dar uma manobra na pizza, passar da pizza pra mini rampa... Então eu adorava. Depois já sair pra quadrinha, dar as manobrinhas de solo na quadrinha, voltar pra pista, fazer aquele circuito não usual que dava pra beirar o psicodélico... (Silvio Marchetto, grifos meus)

Sobre esse tipo de relato das práticas do espaço, Certeau (1994, p. 189) coloca: “O que impressiona mais, aqui, é o fato de os lugares vividos serem como presenças de ausências. O que se mostra designa aquilo que não é mais [...]” Encerro essa linha do tempo com um fragmento do meu diário de campo referente a uma das últimas atividades que acompanhei na Trinda antes do envio do projeto do qual esse trabalho se origina, que acredito ilustrar bem alguns dos novos usos, usuários e aspirações da nova pista. Neste trecho, pela sua extensão e na tentativa de não exceder ainda mais um número razoável de páginas, usarei um recuo menor do que o padrão para citações.

Próximo às 11h da manhã de um sábado ensolarado de dezembro de 2025, eu caminhava em direção à Trinda Times para a segunda edição do “Festival Trinda Times”, divulgado como o “festival de encerramento do ano de skate de 2025”. O perfil do evento no Instagram contava com apenas cerca de 500 seguidores, mas apresentava dezenas de patrocinadores, desde empresas do ramo, skateshops e plataformas especializadas até academia e uma marca de cachaça. Pela presença de uma “cerimônia da prefeitura” no cronograma, imaginei que contava também com algum tipo de apoio da administração municipal, embora a divulgação não parecesse nem um pouco oficial. Este cronograma, que previa cerca de 12 horas de atividades, tinha início às 8h da manhã com atividades de projetos sociais voltadas para o público infantil.

Quando me aproximei da pista, notei que ela estava rodeada por uma fita que bloqueava vários acessos. Além da tenda principal, que contava com os jurados e locutores, havia algumas outras ao redor, que pareciam acomodar as crianças de alguns dos projetos sociais esperados. Consegui acesso através de uma arquibancada de ferro, que também fazia parte da estrutura montada para o evento – e que estava vazia exceto por uma mãe que acompanhava todas as manobras do filho com a câmera do celular, embora ainda se tratasse apenas do aquecimento para a competição mirim. O termômetro da rua indicava 31°C e a única sombra na pista vinha de uma árvore no canteiro central, debaixo da qual várias crianças se abrigavam, algumas na companhia dos pais.

A competição mirim teve início e os meninos tinham 1 minuto cada para percorrer a pista fazendo suas manobras, que eram narradas com entusiasmo pelos locutores tentando conseguir o mesmo entusiasmo do escasso público – pais e familiares. Fui então surpreendida pela chegada do prefeito Topázio Neto e da “Secretária Executiva de Parcerias Estratégicas e Investimentos Internacionais” Zena Becker, que ficaram em pé ao lado da arquibancada onde eu estava. Alguns outros membros da equipe os acompanhavam registrando tudo com os celulares. A “cerimônia da prefeitura” estava

programada para às 12h e a volta mirim foi então interrompida pela pontualidade dessas figuras políticas, cujo tempo disponível para a aparição naquele compromisso eu imagino que era escasso.

“Vamos agradecer com todas as honras nosso excelentíssimo prefeito Topázio, que fez questão de estar presente...” E assim se seguiu uma série de elogios à gestão atual e ao “carinho” que estavam tendo com o skate. Foi anunciada também a chegada do skatista Pedro Barros, medalhista olímpico e provavelmente o atleta manézinho mais relevante da atualidade. O microfone então foi passado para algum membro da equipe da prefeitura, que passou a ler um discurso sobre o incentivo ao esporte, a importância da cidadania e de manter as crianças “focadas” e “longe das ruas” – expressão que achei curiosa de ser usada em um evento de *street skate*, mas que revela muito sobre o sentido que a administração pública dá à prática. Ao fim do discurso, todas as crianças foram chamadas para tirar fotos com Pedro Barros e com o prefeito Topázio Neto, que àquela altura parecia ser um ídolo tanto quanto o primeiro. Aliás, a chegada de Pedro Barros quase como que de carona com o prefeito não é surpresa, visto que – além da sua frequente invocação em momentos em que se pretende engrandecer o skate florianopolitano – Pedro tem sido o garoto propaganda de uma campanha da prefeitura sobre o descarte correto de resíduos: “cuidado com o esporte junto ao cuidado com a cidadania”. Dessa forma, este momento foi também marcado por elogios ao skatista, descrito como um “bom exemplo para a população”.

Como de praxe, fez parte dessa mesma campanha a divulgação de um reels, vídeo curto no Instagram, no qual é possível assistir ao Pedro andando de skate e jogando lixo no lixo, seguido da frase “Pratique a cidadania e seja um campeão em cuidar da cidade”. O mote da campanha evidencia a valorização não somente da dimensão esportiva mas sobretudo da dimensão competitiva do skate, associada a uma concepção de cidadania enquanto civilidade (Machado, 2012). Numa realidade em que skatistas são comumente retratados como vândalos e destruidores do patrimônio público, o chamado para “cuidar da cidade” parece até uma provocação.

Perspectivas da pesquisa em andamento

Muitos trabalhos sobre skate tendem a focar – além das técnicas corporais, das questões sensoriais da prática, etc. – na figura do skatista flanante, sempre em movimento pelas ruas da cidade. “Caminhar é ter falta de lugar. É o próprio processo de estar ausente e à procura de um próprio. A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social de privação de lugar [...]” (Certeau, 1996, p. 183). Num sentido oposto, inspirada na etnografia sobre a ocupação de uma quadra de tênis por skatistas em Curitiba (PR) realizada por Prestes (2025), pretendo explorar, através das memórias dos skatistas “locais” da Trinda Times, os sentidos daquele espaço assumido, por eles, como deles (“*a nossa pista*”).

Além de buscar uma compreensão “dos efeitos da prática do skate em espaços urbanos, da multitude de sentidos (ambivalentes, fluidos e por vezes contraditórios) que configuram o seu universo” (Machado, 2022a, p. 43), pretendo analisar os picos enquanto “articuladores temporais, amálgama de práticas coletivas, objetos de resguardo e proteção, insígnias de um modo de ser e estar na cidade” (Prestes, 2025, p. 92). Nesse sentido, destaco a relevância de investigar a cidade como um espaço de memória, cujos sentidos são continuamente reelaborados pelos cidadãos, através de

uma análise que enfatize como os diversos usos do espaço urbano se reconfiguram temporalmente, revelando tensões e contradições.

A atenção especial às intrigas vividas pelos habitantes no interior de uma grande metrópole nos permite, nos termos do Paul Ricoeur (1991, p. 168), integrar o estudo das identidades dos indivíduos e/ou grupos urbanos à investigação do fenômeno da permanência de uma comunidade urbana no tempo sob o ponto de vista de sua diversidade, variabilidade, descontinuidade e instabilidade. É com essa intenção que optamos pelo modelo narrativo em vez do modelo de tipo causal (histórico ou sociológico) para pensar a vida urbana, adotando a perspectiva da vida urbana como “acontecimento narrativo”. Isto é, a vida urbana definida nos termos da relação das grandes cidades com a própria operação de configuração das identidades de seus indivíduos e/ou grupos urbanos, participando de sua estrutura instável e de sua lógica contraditória. (Maffesoli, 1990 *apud* Rocha; Eckert, 2011)

Segundo Prestes (2025, p. 96), a ocupação de quadras esportivas por skatistas, prática recorrente, revela “uma dinâmica particular do skate brasileiro, cujo estudo mais aprofundado poderia revelar novas dimensões sobre memória, antropologia da técnica e materialidades urbanas”. No processo de ocupar um espaço, ou de “dominá-lo”, como foi o caso da quadrinha – o que implica em construções nele, ou a própria construção dele, de certo modo –, podemos observar tanto as marcas que os skatistas deixam no espaço quanto as marcas que esse espaço deixa neles. “Nestes lugares parece que a energia de quem construiu fica impregnada no cimento, é um piso sagrado.” (“Faça-se o favor”. Revista Vista, edição 62, 2015, p. 39 *apud* Machado, 2022a, p. 36). É desse engajamento nas construções dos próprios picos que os skatistas criam relações muito particulares com o espaço urbano. Essas relações frágeis, pois geralmente à margem da legalidade, frequentemente se encontram ameaçadas pelo poder público. Novamente, retomando a noção de perda e sua relação com as discussões sobre patrimônio, Prestes (2025, p. 96) questiona: “em que medida os espaços ocupados por skatistas podem (ou não) ser considerados patrimônios?”

Ademais, Pollak (1992, p. 204) afirma que “*a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. Assim, compreendendo a memória como um fenômeno construído social e individualmente e sua estreita relação com um sentimento de identidade (*Ibid.*), é possível observar como, no caso da Trinda Times, esse sentimento se apoiava num lugar e foi, de certo modo,

abalado pela sua perda – ou melhor, pela subversão dos usos empreendida naquele espaço por outros agentes que não os skatistas.

Hoje em dia Trinda Times não é uma marca, ela é só um apelido da pista, que *marca um momento da pista antiga, da galera que frequentava e que hoje continua [...]* Mas a gente não tem o intuito de fazer marca. Até tem pessoas de olho nesse nome querendo... Porque agora a pista está nova, é palco de campeonatos nacionais, então tem uma galera crescendo o olho nisso e pegando a sua marca e vinculando à Trinda Times – mas são pessoas mal intencionadas, que querem se aproveitar... (Victor Sússekind, grifos meus)

Quando tive essa conversa com Victor, estávamos sentados no canteiro central da pista e, enquanto ele defendia que Trinda Times era apenas um apelido, logo atrás dele – próximo ao novo grafite com o nome “Trinda Times” e o desenho do relógio, uma imitação do que havia na pista antiga – havia uma placa, como essas que mostram os nomes das ruas da cidade, indicando que estávamos, de fato, na “Pista Trinda Times”, nome oficial. Era quase como uma representação, não só do conflito de diferentes concepções da pista, mas sobretudo da apropriação realizada pela prefeitura de um movimento que já existia ali. Se inicialmente essa apropriação foi feita pelos skatistas – ultrapassando as delimitações espaciais e subvertendo usos de equipamentos, a exemplo da ocupação da quadrinha –, agora esse circuito (Magnani, 2005) do skate que havia se consolidado, conquistado respeito nacional e internacionalmente, era apropriado pela prefeitura, que subvertia seu uso no sentido da esportivização e de um discurso de “cidadania”.

Referências

AGIER, Michel. L'invention de la ville: Banlieues, townships, invasions et favelas.

Éditions des archives contemporaines: Paris , 1999.

CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

FAGUNDES, Renan Dissenha. Califórnia brasileira. Revista Trip, 2016. Disponível em: revistatrip.uol.com.br/trip/a-pista-de-skate-no-quintal-de-pedro-barros-no-rio-tavares. Acesso em: 14 jan. 2026.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 28, n. 55, p. 211-228, jan-jun. 2015.

HOWELL, Ocean. Skatepark as Neoliberal Playground. *Space and Culture*, v. 11, n. 4, p. 475-496, nov. 2008.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. A cidade do skate: sobre os desafios da cidadindade. São Paulo: Hucitec, 2022a.

_____. De skate pela cidade: quando o importante é (não) competir. *Cadernos de Campo* (São Paulo - 1991), São Paulo, Brasil, v. 21, n. 21, p. 171–188, 2012.

_____. O pedaço despedaçado: sobre pedras que resistem. *Etnográfica: revista do Centro de Estudos de Antropologia Social*, n. Número especial, p. 65–70, 2022b.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social*, São Paulo, Brasil, v. 17, n. 2, p. 173–205, nov. 2005.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Infraestrutura e Manutenção da Cidade, 2023. Prefeitura de Florianópolis inaugura a maior pista de skate street de Santa Catarina. Disponível em: <https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/infraestrutura/index.php?pagina=notpagina¬i=25827>. Acesso em: 14 jan. 2026.

PRESTES, Bruno Bisolo. Marcas inofensivas: memórias e insurgências da ocupação de um espaço público. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Sociais) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2025.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. ETNOGRAFIA DA DURAÇÃO NAS CIDADES EM SUAS CONSOLIDAÇÕES TEMPORAIS. *Política & Trabalho*, [S. l.], v. 34, n. 34, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/12185>. Acesso em: 26 fev. 2026.

STABELINI, Julio Cesar. Skate & create: linhas em composição. 2024. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-20082024-114407>. Acesso em: 28 mar. 2025.

THRASHER MAGAZINE. Victor Sússekind's "Megalithic" Part. YouTube, 27 abr. 2018. 6min59s. Disponível em: youtu.be/8oxV9rfA0t0?si=nL0lP5hxdkmlwwXH. Acesso em: 14 jan. 2026.

TRINDA TIMES. m3ados+de+2007. YouTube, 31 ago. 2009. 1min26s. Disponível em: youtu.be/1hAduUIKOj0?si=wfDqsozd2OcoeW-h. Acesso em: 14 jan. 2026.